



RESENHA - REVIEW

Um clássico provocativo: a nova edição de “A Matemática no Brasil: história de seu desenvolvimento”

Agenor Manoel da Silva Filho¹

Mestrando em História pela Universidade Federal
de São Paulo (Unifesp)

agenor.filho@unifesp.br

Resumo: Uma das mais bem sucedidas obras do campo da História das Ciências no Brasil, “A Matemática no Brasil” conquistou quatro edições ao longo de 30 anos. Um clássico que permanece atual graças a nova edição da Editora Blücher. A presente resenha destaca os pontos mais significativos da obra e suas características textuais e materiais, enfatizando a importância de reedições de trabalhos como este para a difusão do campo.

Palavras-chave: Matemática; Brasil; História; Reedição; Clóvis Pereira da Silva.

A provocative classic: the new edition of “The Mathematics in Brazil: history of its development”

Abstract: One of the most successful works in the field of History of Science in Brazil, “A Matemática no Brasil” was published four times over 30 years. A classic that remains actual due to new edition by Blücher Editor. This review highlights the most significant points of this work and its textual and material characteristics, emphasize the importance of republishing works like this for the diffusion of the field.

Keywords: Mathematics; Brazil; History; Reedition; Clóvis Pereira da Silva.

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), sob a orientação da profa. dra. Maria Rita Toledo (*in memoriam*), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Graduado em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Sinceros agradecimentos ao colega Erick Borges de Souza (PPGMPH-UFRB) pela leitura cuidadosa do texto anterior a submissão.

SILVA, Clóvis Pereira da. *A Matemática no Brasil: história de seu desenvolvimento*. 4. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda., 2022. 184p. ISBN: 978-65-5506-518-3 (impresso).

A Matemática no Brasil: história de seu desenvolvimento é um dos livros mais bem sucedidos, em termos editoriais, do campo da História das Ciências no Brasil, possuindo valiosas contribuições para o estudo da Matemática no país. É um dos poucos trabalhos da historiografia das ciências brasileiras que alcançou mais de três edições até hoje.²

Dividido em oito capítulos (com um prefácio e uma apresentação), o panorama a que somos apresentados neste livro, escrito pelo experiente matemático Clóvis Pereira da Silva, nos conduz desde as origens do ensino da matemática nas primeiras universidades portuguesas (séc. XV-XVI), até os últimos acontecimentos relativos à comunidade de matemáticos no Brasil no final do século XX.

Natural do estado do Paraná, Pereira da Silva graduou-se em Matemática na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e fez mestrado na mesma área na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Estimulado desde a graduação pelo prof. Jayme Machado Cardoso a investigar a história da Matemática no Brasil, realizou o doutorado em História Social na Universidade de São Paulo (USP) entre 1987 e 1989, sob a orientação do prof. Shozo Motoyama, cuja tese se transformaria no livro *A Matemática no Brasil* (usarei apenas o título da obra de agora em diante). Dedicou-se a partir de então ao estudo da história da Matemática no Brasil, tornando-se atualmente uma das principais e mais importantes referências no tema. Publicado logo em seguida pela editora da UFPR (1992), e com segunda edição pela UNISINOS (1999), *A Matemática no Brasil* passou a ser editado pela Editora Blücher em 2003, ganhando sua terceira edição. Nos últimos anos (2022-2023) esta editora lançou quatro livros de Pereira da Silva,³ dentre estes, a quarta edição (2022) da obra

² A única obra desta historiografia que também atingiu quatro edições foi *Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil* (1. ed. 1979), de Simon Schwartzman (1939-).

³ Além do livro aqui resenhado, a Blücher também publicou: *Início e Consolidação da Pesquisa Matemática no Brasil* (2022); *Um Acadêmico Lutando com a Indiferença: Salvemos a Universidade Brasileira* (2022); e *Avanços da Matemática no Brasil* (2023).

em destaque. Entre a primeira e a última edição, existem algumas modificações (sobretudo atualizações), relacionadas à bibliografia utilizada e à contextualização histórica⁴, e a adição do oitavo capítulo a partir da segunda edição.

O prefácio (à primeira edição, e mantido nas edições subsequentes), assinado por Ubiratan D’Ambrósio (1932-2021), personagem eminente da história da Matemática brasileira, destaca a relevância do trabalho que temos em mãos, dizendo:

Clóvis Pereira da Silva (...) brinda-nos agora com um estudo da Matemática brasileira desde os primeiros anos do período colonial até os anos que precederam a queda da Primeira República. Trata-se de um livro único na história da Matemática brasileira, o primeiro a abordar sistematicamente esse período (D’AMBRÓSIO, 2022, p. xii).

Desde o início do trabalho, portanto, conseguimos ver como o autor se posiciona do ponto de vista teórico e historiográfico. Como já demonstrou André Dias (2003), a historiografia da Matemática no Brasil passou por uma virada teórico-metodológica a partir dos anos 1980-90, movimento que caracterizou grande parte da historiografia latino-americana das ciências ligada de alguma forma a Sociedade Latino-Americana de História da Ciência e da Tecnologia (SLHCT). A USP neste período, a partir do prof. Motoyama e da profa. Maria Amélia Dantes, que estavam à frente do programa de História da Ciência nesta instituição à época, aproximaram-se da SLHCT, integrando-se a “comunidade epistêmica” que reivindicava um novo olhar sobre as ciências na América Latina, mas atento as condições sociais e históricas específicas dessa região (SILVA, 2020).

Valendo-se dessa nova abordagem teórica sobre as “ciências nacionais”, oposta ao eurocentrismo, e mobilizando fontes históricas até então inéditas, a historiografia produzida nessas décadas confrontava os limites definidos pelas histórias das ciências produzidas até a década de 1970 – que, no caso das ciências brasileiras em geral, ligava-se, principalmente, a figura de Fernando de Azevedo (1894-1974), e, com relação à Matemática brasileira em particular, ao nome de Francisco

⁴ No capítulo de *Introdução* de cada uma das edições, o autor sublinha as mudanças que ocorreram com relação as edições anteriores.

Mendes de Oliveira Castro (1902-1993).⁵ Assim, Pereira da Silva, envolto neste ambiente de renovação historiográfica, certamente foi levado a examinar com mais criticidade a história da Matemática brasileira.

Apesar do destaque que a USP exerce na narrativa de Pereira da Silva – algo que é comum nas ditas “narrativas tradicionais” da historiografia das ciências no Brasil⁶ –, a história da Matemática que lemos em seu livro é mais complexa e mais antiga. Mesmo quando aborda os episódios mais recentes dessa história (no capítulo 8), a USP divide espaço com outras instituições ao redor do país, além de várias revistas, boletins e periódicos de Matemática lançados a partir da década de 1930.

De forma sumária, o que mais se destaca nesta obra são os seguintes pontos: (a) a conexão histórica e intelectual que o autor demonstra ter existido entre a Matemática ensinada e produzida no Brasil com as Universidades lusitanas⁷ – capítulos 1 e 2; (b) o estudo detalhado do ensino superior de Matemática no Brasil desde os primeiros anos do século XIX, mostrando como as matérias e a estrutura de ensino foram alteradas ao longo deste século com a sucessão de decretos – capítulo 3; (c) a atenção com relação às condições sociais e culturais da produção intelectual no Brasil desde o século XVIII, listando um total de 23 sociedades literárias e/ou científicas até o início do século XX – capítulo 5; e (d) o cuidado em apresentar, em detalhes, as teses de Matemática produzidas a partir de 1842 na Escola Militar para a obtenção do grau de doutor em Ciências Matemáticas – capítulo 7. (Os capítulos 5 e 7, neste sentido, correspondem as partes mais importantes do livro.)

Entre os pontos que realçam o significado do livro para a historiografia da Matemática, estão os capítulos 4 e 6, de grande interesse também para a história intelectual mais ampla. Neles, vemos com nitidez a preocupação que o autor assinalou na *Apresentação* do livro, quando afirmou que pretendia “desenvolver um trabalho que aborde um pouco da história social do desenvolvimento da Matemática

⁵ Cujo livro *As Ciências no Brasil* (1955, 2 vols.), organizado por Fernando de Azevedo, seria a obra central, na qual Francisco de Oliveira Castro escreveu o capítulo sobre a história da Matemática no país.

⁶ Que enxergavam a USP como o mais importante marco da história da ciência brasileira.

⁷ Indo de encontro com as considerações de Carlos Ziller Camenietzki sobre as estreitas relações entre a América Portuguesa (Brasil Colonial) e Portugal nos primeiros séculos de colonização/povoamento.

Superior no Brasil” (p. xvi) – abordagem que foi estimulado a empregar a partir dos contatos que teve junto ao prof. Motoyama durante o doutorado na USP.⁸

No capítulo 4 (“As tentativas de fundação de universidades no Brasil”), Pereira da Silva lista 42 anteprojetos que foram propostos desde o século XVII para a criar uma universidade no país – a maior parte dessas propostas, porém, não constava com um curso de Matemática, e quase todas possuíam um caráter centralizador.⁹ Mas o autor não se limita a uma listagem cronológica dessas propostas, faz questão de analisar a conjuntura histórica e os posicionamentos que levaram a maior parte desses anteprojetos a serem negados pelas instâncias capazes de efetivar o anseio da fundação de uma universidade no Brasil. Assim, Pereira da Silva vai aos poucos efetivando a perspectiva social que sinalizou no início do livro.

Neste sentido, o sexto capítulo é exemplar (“Algumas questões relevantes”). Em poucas páginas, Pereira da Silva levanta quatro questões que julga “pertinentes ao contexto do livro” (SILVA, 2022, p. 81): Por que em 1842 a Escola Militar resolveu conceder o grau de doutor em Ciências Matemáticas? Porque, apesar disso, não foi criado um “programa de estudos especiais para os alunos interessados na obtenção do grau de doutor”? Por que a Congregação da Escola Politécnica extinguiu os cursos científicos em 1896? E finalmente, por que, entre 1810 e 1920, não se encontram mulheres envolvidas no ensino e na pesquisa matemática no Brasil?

Mais do que dar respostas, o autor pretendeu “despertar o interesse do leitor para o estudo e a pesquisa da história da Matemática no Brasil” (Ibidem, p. 81). E realmente, este é um dos capítulos mais instigantes do livro. Mesmo sendo o capítulo mais curto, ele é uma das partes mais envolventes da obra.

Contrastando com esta característica, o livro apresenta, contudo, algumas escolhas (editoriais e autorais) que poderiam concorrer negativamente para a obra. Essas escolhas apresentam-se na própria materialidade do livro, em aspectos estéticos e tipográficos que interferem na maneira como lemos o texto.¹⁰ Estudiosos da história do livro e da leitura, como João Adolfo Hansen (2019), nos alertam que o

⁸ Clóvis Pereira da Silva, entrevista, 26 out. 2023.

⁹ Muitos anteprojetos defendidos durante o período imperial solicitavam que as instituições de ensino superior já existentes, como as Escolas Militares, de Direito e Medicina ao redor do Brasil, ficassem subordinadas à universidade que se pretendia fundar.

¹⁰ Sobre a importância e as funções dos aspectos estéticos do livro, ver: MARTINS FILHO (2008) e GENETTE (2009).

“livro” não é um objeto natural, sua existência é fruto de decisões simbólicas, comerciais e históricas, e que os textos, segundo o historiador cultural Roger Chartier (2002, p. 61-62), “não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos”.

Com isso em mente, tomemos o livro de Pereira da Silva nas mãos. O que vemos nele? Como o lemos? Os dispositivos tipográficos neste sentido são importantes. Por um lado, a escolha editorial em deixar as margens inferior e superior quase rentes ao corte da página reflete, talvez, o pouco uso de notas de rodapé por parte do autor. Porém, assim distribuído, o texto percorre quase toda a extensão da página, de cima para baixo. Com tal modelo de composição, o leitor experimenta uma leitura mais demorada, pois o volume de texto por página é maior do que os livros costumam apresentar.¹¹

Por outro lado, o uso diminuto das notas de rodapé e a ausência de notas de fim de capítulo/livro enseja algumas reflexões. A nota de rodapé é um espaço característico de elaboração de legitimidade, autoridade e de credencial para se discutir determinado tema no meio acadêmico moderno (GRAFTON, 1998). É a partir das notas de rodapé (particularmente em trabalhos historiográficos) que podemos “acompanhar” os bastidores da pesquisa, a bibliografia que fundamentou tal ou qual inferência, a fonte que indicou tal ou qual hipótese ou constatação, e assim por diante. Mas também é o lugar em que podemos observar o estado em que se encontram os estudos sobre o tema. Neste sentido, o parco número de notas no livro de Pereira da Silva pode indicar uma certa rarefação dos estudos sobre Matemática no Brasil à época em que realizava o seu doutoramento e durante as primeiras três edições (lembrando que a terceira edição data de 2003).

Isso se soma a ausência de revisão bibliográfica no livro. Tipicamente, a revisão bibliográfica tem a função dupla de apresentar uma erudição crítica do autor sobre o tema que estuda, e, por implicação, mostrar aos leitores e leitoras o estado em que se encontra(m) a(s) discussão(ões) sobre o tema em análise. Tal ausência, portanto, pode dar a impressão (ao leitor leigo ou ao matemático com pouca familiaridade com a historiografia) de que o livro é uma obra definitiva sobre o tema – posição que o próprio autor não se alinha, vide o capítulo 6. Já a erudição crítica do

¹¹ Lembrando que o livro tem dimensões consideráveis: 17x24cm. Sobre os significados e efeitos da composição de textos, ver: BOURDIEU; CHARTIER (2011).

autor é revelada não só pela riqueza de detalhes históricos que expõe ao longo da narrativa, mas principalmente pelo manejo e análise da parte técnica dos estudos matemáticos que cita.

A grande presença de equações ao longo do livro (sobretudo no capítulo 7, quando o autor descreve e analisa as teses de Matemática da Escola Militar) é um aspecto bastante singular desta obra. Se com isso Pereira da Silva explicita a sua familiaridade com o objeto específico em estudo (a Matemática), ele acaba, porém, correndo o risco de afastar muitos leitores que não dispõem do conhecimento necessário para acompanhar o encadeamento das reflexões elaboradas a partir das equações que examina. Mas a leitura atenta do capítulo permite que o leitor (leigo ou especializado) consiga acompanhar a função dessas equações na narrativa do autor, que é, em grande medida, apresentar de forma contextualizada e descritiva as teses que foram elaboradas para a obtenção do grau de doutor em Ciências Matemáticas entre 1848 (tese de Joaquim Gomes de Sousa) e 1918 (tese de Theodoro Augusto Ramos).

Poderíamos dizer então que as consequências da presença dessas equações, do ponto de vista “comercial”, seriam negativas. Contudo, como já dissemos acima, esta é uma das obras com maior número de reedições da historiografia das ciências no Brasil até o presente momento. Mesmo livros clássicos como *As ciências no Brasil* (1955 e 1994), organizado por Fernando de Azevedo, *O Brasil descobre a pesquisa científica* (1997 e 2009), de Margarete Lopes, e *Prelúdio para uma história: ciência e tecnologia no Brasil* (2004), organizado por Shozo Motoyama, entre outras, não alcançaram ainda sequer a terceira edição (e no caso de *Prelúdio...* nem mesmo a segunda).

A Matemática no Brasil foi publicada por duas editoras universitárias (UFPR e UNISINOS) e atualmente por uma editora que trabalha com um catálogo de livros voltados à pesquisa acadêmico-científica. O livro circulou, portanto, por editoras acadêmicas – algo comum para a historiografia das ciências no Brasil, cujas exceções, tão pontuais, apenas confirmam a regra geral da ausência de livros de História das Ciências no Brasil nos catálogos de editoras comerciais de grande porte no país. Mas a restrição de público, no caso do livro de Pereira da Silva, não é um limite, mas uma condição ou circunstância de viabilidade – sobretudo se levarmos em consideração a escolha autoral e editorial da presença volumosa de equações no capítulo 7 (elementos que uma editora não acadêmica poderia sugerir a supressão para alcançar um público mais amplo de leitores).

De forma geral, o livro do prof. Clóvis Pereira da Silva é uma obra sintética, que reúne significativas contribuições para o entendimento da história do conhecimento matemático no país. É preciso ressaltar a importância de estudos que destaquem a atividade científica além do eixo Rio-São Paulo, algo que Pereira da Silva faz, sobretudo, com relação ao estado do Paraná – dando atenção a universidades e sociedades criadas no estado que se empenharam no estudo da Matemática –, abordando também iniciativas em outros estados, como no Amazonas, Bahia e Ceará.

Ao mostrar a historicidade do estudo e da pesquisa matemática, que remonta aos primeiros séculos da Modernidade em Portugal, e depois articulando essa historicidade à chegada dos jesuítas ao Brasil e posteriormente da corte lusitana ao Rio de Janeiro, Pereira da Silva revela uma história cheia de meandros e detalhes – deixando alguns pontos abertos estrategicamente para provocar o leitor. Recentemente, a produção sobre a história da Matemática no país tem crescido significativamente, sobretudo em diálogo com a história da educação e do ensino.

Neste âmbito, ao adotar uma perspectiva social, o autor nos permite enxergar a Matemática como empreendimento humano imbricado com as condições culturais, institucionais e políticas de cada momento histórico – o que dá ao livro a oportunidade de ser utilizado por professores de várias disciplinas (como História, Matemática e Sociologia). A reedição de obras como esta é uma prática que merece ser observada por outras editoras, uma vez que muitas publicações da historiografia das ciências no Brasil se encontram esgotadas e inacessível há décadas. Por ora, então, desfrutemos do presente livro que se mantém como um dos trabalhos mais completos sobre a história da Matemática no Brasil, um clássico que pode permanecer atual em virtude do importante trabalho editorial da Blücher.

Referências

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural – debates entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. 5. ed. São Paulo: Edição Liberdade, 2011. p. 229-254.

CHARTIER, Roger. A mediação editorial. In: CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 61-76.

DIAS, André Luís Mattedi. Matemática no Brasil: um estudo da trajetória da historiografia. *Revista Brasileira de História da Matemática*, v. 2, n. 4, p. 169-195, out. 2002/mar. 2003.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2009.

GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Campinas-SP: Papirus, 1998.

HANSEN, João Adolfo. *O que é um livro?*. São Paulo: Ateliê Editorial; Edições Sesc-SP, 2019.

MARTINS FILHO, Plínio (org.). *A arte invisível, ou, A arte do livro*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

SILVA, Clóvis Pereira da. *A Matemática no Brasil: história de seu desenvolvimento*. 4. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda., 2022.

SILVA, Márcia Regina Barros da. The history of Science in Latin America in its own terms. *Revista Portuguesa de História*, t. LI. p. 243-264, 2020.